

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

15 de Novembro de 2003 • Ano LX • N.º 1557

Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788896 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

ENCONTROS EM LISBOA

Adversidades de hoje

COMO tudo na vida, também as instituições estão submetidas aos processos de nascimento, crescimento e, depois, a rotina, em que os anos passam, e só quem está por dentro é que vive as maravilhas do dia-a-dia, quem está por fora, habitua-se à institucionalização. Vê, ali, a instituição e nem se pergunta o que lá vai dentro. A palavra instituição arrasa tudo, sendo tudo medido pelo mesmo padrão e com os mesmos critérios. No entanto, as instituições têm vidas diferentes.

Fico pensativo com a ousadia de Pai Américo ao enfrentar todo o mundo das instituições, algumas anquilosadas pelo tempo e por todos os processos que as políticas diversas e as burocracias criam, numa luta pelo poder, que nem sempre o bem-estar dos utentes é a finalidade principal. Depois

de ver muitas instituições e de sobre elas reflectir, foi percebendo a inadequação dos modelos existentes. Daí o seu grito: «Não somos asilo, nem reformatório, nem colónia penal... A família é o modelo da Obra». Era a novidade no meio das coisas existentes.

Hoje teríamos que transformar a linguagem, mas teríamos que continuar a gritar que o modelo da Obra é a família, por muito que isso esteja longe das perspectivas burocráticas onde se procura impor um modelo único às instituições.

Igual novidade sobressai do facto de Pai Américo fazer dos rapazes o centro de toda a Casa e Obra: «É uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Com esta asserção desmorona-se toda uma panóplia de funcionários que procuram encher o centro da cena, relegando os utentes e principal causa de existência para os lados ainda não

preenchidos. Recordo-me de há uns três anos me passar por perto esta situação: Vieram ter comigo porque queriam fazer uma instituição e, para tal, já tinham duas psicólogas, duas assistentes sociais, quatro educadoras e quanto a cozinheira, auxiliares e motorista, no momento se veria. Perguntei para quantas crianças e onde se iriam instalar. Foi-me respondido que ainda não tinham lugar e que seria para umas dez crianças. De admirado com tanto estafe, passei a pasmado quando me disseram que precisavam de todo este pessoal a fim de

Continua na página 3



«Não somos asilo, nem reformatório, nem colónia penal. Somos família.» — Pai Américo.

BENGUELA

Há quarenta anos partimos para Angola

COMPLETAM-SE, hoje, quarenta anos. Foi em 2 de Novembro de 1963 que partimos de Lisboa para Angola. Chegámos no dia 14 a Luanda. No dia 16 ao Lobito e Benguela. Recordo-me, como se fosse agora.

Deixai-me reviver convosco aquela hora nas palavras do Padre Carlos, então primeiro Responsável da Obra da Rua: «A partida está marcada para o dia 2 de Novembro de 1963 no 'Rita Maria'. Não foi viável a hipótese de irmos num cargueiro, como desejávamos; mas aproximámo-nos dela o mais possível, graças a Deus.

Conosco vai a intercessão da Igreja Triunfante,

genericamente invocada na Festa de Todos os Santos e a prece da Igreja Padecente, bem feliz, apesar das suas dores, porque herdeira certa do Céu.

Nesta companhia vamos nós. Os 'Velhos do Restelo' podem ficar lamuriando todas as razões de inoportunidade que a prudência humana cogita. Guiados pela Prudência que Deus dá, nós afirmamos que, se esta é a hora que Ele marcou para irmos, conforme cremos, é a melhor de todas as possíveis.

Por isso, vamos alegres e cheios de confiança. E, quando digo vamos, incluo no sujeito os rapazes que vão.

Quem já viu um 'corpo docente' dirigido por um

padre e composto por dez rapazes dos 8 aos 25 anos?! Pois é assim constituído cada um dos grupos destinado a cada Casa. Para uma delas vai uma Senhora que deixa família, a sua casa, tudo... para participar nesta santa aventura. Para a outra uma rapariga de 23 anos que acompanha o marido (é o seu dever), mas leva desde a 'lua de mel' o encargo de uma família já tão numerosa, longe do seu meio, da sua família, de tudo quanto lhe fala do passado... E que se cumpram os desígnios de Deus!»

Vimos como passarinhos que se desprendem a primeira vez do ninho que os viu nascer e se fizeram ao

Continua na página 4

PRATICANDO O BEM

Encontro das Senhoras

DURANTE três dias inteiros, estive, com as Senhoras da Obra, na nossa casa de férias da Arrábida.

Depois de abrir o ano escolar e ter já algum balanço, a vida das Casas do Gaiato, toma um certo esquema ocupacional tornando mais leve a organização do dia-a-dia.

As Senhoras não ficam mais livres, mas é mais fácil adiar o seu trabalho ou substituí-las por alguém, por poucos dias, nas inumeráveis tarefas.

Costumamos encontrar-nos nos fins de Outubro.

Embora «os santos da casa não façam milagres» tem-me parecido que ninguém como os padres da rua, vivendo com as Senhoras, possui tão boa preparação para reflectir com elas a Palavra de Deus a que somos chamados: — Fazer de cada Casa do Gaiato uma Casa de família.

As nossas Senhoras são pessoas simples, só por assim desejarem ser, quiseram dar-se nas Casas do Gaiato.

Vivem a vida desorganizada da nossa organização e, apesar de muito exigentes no conteúdo, não o são na forma.

Falar-lhes com singeleza não supõe grandes esquemas nem científicas reflexões. A sua sabedoria e sede de justiça provém mais da vida exigente do dia-a-dia, que a maternidade de cada uma vai criando em seu coração.

É importante tomar consciência, pela reflexão, à luz da Palavra de Deus, desse carisma que as possui e vai crescendo em cada qual.

A maternidade numa Casa do Gaiato é dos caminhos mais exigentes da santidade, nos dias de hoje. Não uma santidade-zinha, feita de mil e um entretenimentos, mas um caminho áspero, pleno de contradições e dificuldades, exigente de silencioso sofrimento moendo no coração, todos os dias, as vicissitudes de cada Rapaz e, às vezes, o que é pior, a dos seus restos de família.

Para amar os que não se querem deixar amar, só um coração repassado con-

Continua na página 3

O Henrique Luís e o Márcio Filipe

TIVE, hoje, as primeiras notícias deles desde que, há quinze dias, se cumpriu o mandato judicial de os entregar à progenitora. É este o termo que a linguagem oficial usa em vez de mãe. E, na verdade, com alguma exactidão nos casos sobre que, geralmente, se debruça. Pena que, depois, o desenrolar dos processos, em ordem à decisão, não seja coerente com aquele rigor verbal.

Os dois irmãos estavam conosco, há três anos, vindos de junto do pai e da avó paterna com quem ficaram após a separação dos pais. A mãe, ao tempo, «andava por lá», para usar uma expressão muito típica de Pai Américo. Professores e Pároco denunciaram a situação precária em que os pequenos viviam e aceitámo-los com uma carta assinada pelos dois progenitores, dizendo que no-los confiavam. A adaptação das crianças foi fácil, diria mesmo excelente, decerto porque o mais velho, muito sensato e desejoso de um projecto de vida, percebia bem que o não tinha ao alcance nas condições em que vivia e logo se afeiçãoou às novas que lhe eram proporcionadas. Com esta postura ajudou o irmão, muito mais infantil, a uma atitude semelhante.

Os primeiros tempos foram pacíficos. Mas, desde que a mãe, entretanto junta a um companheiro, entendeu estabilizada a sua situação, começa a

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CALVÁRIO DOS IDOSOS — Ela tem mais de setenta anos, vida cheia de sacrifícios.

Agora, sem nada de nin-guém, até do próprio homem... vem pedir-nos «uma ajuda», disse, com os olhos marejados de lágrimas.

Então, conta a maior parte da sua história, que a tem envelhe-cido muito mais, sabe Deus como: — *Veja bem como não tenho nada para viver, decentemente...!*

Não sentimos coragem de falar do seu homem, nem dos filhos «que me obrigam a tra-balhar com dificuldade». Há muita gente idosa nestas cir-cunstâncias, até por causa da crise... Os Pobres são os que mais sofrem a dança da econo-mia e falta de amor aos seus mais seus. Aliás, já passámos por várias crises...

Por outros, sabíamos como vive esta família. E, agora, esta velhinha vem dizer-nos «que já não aguenta mais!»

PESSOA INCOMODADA E INCÓMODA — Na cerimónia de abertura dum seminário organizado pelo Conselho Central de Aveiro da Sociedade de S. Vicente de Paulo, o Senhor D. António Marcelino, da Dio-cese de Aveiro, afirmou que «o vicentino tem de ser uma pes-soa incomodada e incómoda na sua comunidade e junto dos poderes políticos, porque a causa dos Pobres não tem prazo e é de todos os dias».

Citando o último documento do Papa sobre a Europa, o Bispo de Aveiro lembrou, aos presentes na Assembleia, «que é preciso devolver a esperança aos Pobres», amando-os e tes-temunhando-lhes que eles «são particularmente amados por Deus», e ajudando-os a valorizarem as suas próprias potencialidades.

D. António Marcelino disse mais: «Ninguém pode delegar em ninguém o amor aos mais necessitados», acrescentando: «O Pobre é uma pessoa que grita por amor e caridade, e quem deixar de ouvir este grito, acentua, está cada vez mais insensível ao próprio Deus».

PARTILHA — Abrimos esta nota com a oferta de um Anónimo, de Macedo de Cavaleiros, cheque telegráfico de quatrocentos euros. Amigo dorido pelo que leu na última crónica que publicámos.

Assinante 25881, de Vendas de Azeitão: «Não quero deixar passar o aniversário de Pai Américo, 23 de Outubro, sem enviar uma migalha cheia de amor pelos Pobres. Ando muito egoísta; o que sei eu só Deus sabe como ando. Pai Américo escreveu uma frase que me ajuda muito a não desanimar: 'Nunca sabemos o bem que fazemos, nem o mal'.

O meu agradecimento tam-

bém para assinalar os 40 anos de Matrimónio, que só Deus sabe o seu valor.

Eu é que sei quanto devo à Obra da Rua, e a tudo o que vai no meu coração».

Fiães (Feira), assinante 31254, que por aqui passa, de vez em quando, também; manda sessenta euros: «Quero agradecer as palavras que me escreveram o mês passado. Hoje, além da mensalidade de Novembro, envio uma pequena ajuda para a Conferência de Paço de Sousa. Gostaria que fosse para aquela mulher que tem o marido com doença grave. Ofereço por alma dos meus Pais que morreram cancerosos, mas, graças a Deus, nunca lhes faltou nada. Seja feita a Sua vontade». Gostá-mos do pensamento impresso na carta: «Nos momentos cul-minantes de amor e dedicação, as horas não contam».

Mais 75 euros, da assinante 14493, do Porto, com a ami-zade de sempre.

Agora, uma «pequena ajuda» da assinante 14708, de Minde, «para as necessidades dos vossos Pobres, dada com o meu coração».

Assinante 34220, de Lavado-res (V. N. de Gaia), trezentos euros «para pequena ajuda nas grandes necessidades dos vos-sos Pobres (medicamentos, ali-mentos, reparação de casas do Património dos Pobres, agasalhos, etc.) Não quero recibo, apenas desejo saber que o che-que chegou às vossas mãos. Que o Bom Deus vos ajude». Obviamente, chegou tudo quanto mandou. Obrigado.

Habitual remessa da assi-nante 31100, da Capital, com muito amor aos Pobres: 470 euros «para serem distribuídos pelos carentes» que enumera. «Gostei sempre de ajudar o Próximo, mas desde que li 'o que temos é para partilhar', ainda gostei mais de o fazer. Rezem por mim». Com certeza!

Oferta de 356,60 euros, de uma assinante de Cardigos, que pede anonimato, «por alma dos saudosos Pais». Não os esque-cemos.

Mais 25 euros, do assinante 53241, do Luso, «contribuição de Outubro, à qual darão o destino em conformidade com as necessidades mais premen-tes».

De Lisboa, assinante 30374, cem euros. Disse: «Acabo de ler n'O GAIATO 1555: 'Hoje estou sem dinheiro prò comer.'» E continua: «Para alívio desta desgraça, junto um cheque. A propósito de fome, de que hoje tanto se fala, eu costumo dizer que fome, fome, lembro de ter passado, mas houve tempos, nos primeiros anos da minha existência, em que nunca comia a broa que me apetecia comer. Broa, sim, porque pão, quando, 'por festa' se comprava pãozinho, isso equivalia a uma gulo-seima, a um luxo! Hoje, penso numa maneira geral, não haverá mais fome do que naquele tempo; há, sim, é mais exigência...»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Visita de estudo a Évora dos rapazes da Casa do Gaiato do Tojal.

TOJAL

FESTA — O pessoal já começou a ensaiar as peças para a festa de Natal que, nessa, vamos recordar o nasci-mento do Salvador e, também, despertar os corações que se sentem sem azeite. Que nessa época natalícia as torcidas pos-sam absorver das oliveiras o melhor azeite para quando a noite chegar dizer não à escuri-dão e manter acesa a lareira junto de nós.

Os nossos «Batatinhas» estão entusiasmados com o Natal, pois vão receber prenda-s. Um brinquedo novo para uma criança que nunca o teve, é sempre uma eterna felicidade que lhe corre no sangue ale-grando o coração. São estes pequenos momentos de felicidades que fazem o Natal todos os dias da vida.

ESCOLA — Logo se vê se os nossos rapazes estudaram ou não. O primeiro período está a chegar ao fim, os corações batem cada vez mais forte. Quanto às negativas aos testes mostram afinal o que os nossos rapazes estão a fazer nas aulas. Alguns deles já trazem o vício de fora, esquecem-se que estão numa comunidade. Eles vão perdendo as oportunidades, mas, o pior, é que alimentam o mau exemplo aos mais novos; esses, limitam-se apenas a imitar o que os mais dizem e fazem.

Temos novos métodos de es-tudo, esperamos assim melho-res resultados para este ano lectivo.

CAMPO — Com o mau tempo as colheitas nem sempre satisfazem o desejo do produ-tor. Semeou-se aveia para os nossos animais, plantou-se também couve e cebola. Mesmo com a chuva esperamos ter uma boa colheita para as nossas refeições.

SAÚDE — Vamos louvando o Senhor, pois, mesmo com a mudança de tempo, as nossas

enfermarias estão vazias, o que é bom sinal. O frio começa a sentir-se, mas as gripes estão longe da nossa porta. E, assim, esperamos que não apareçam, agradecendo a Deus.

Balada

Quando de criança aqui cheguei Descalcinho e dorido Aqui em Casa me abriguei Curando males do passado.

As dores de outrora esquecidas Neste aconchego quentinho Aqui sarei minhas feridas Com muito amor e carinho.

Um rumo eu quero ter Na vida com honestidade Como é bom reconhecer O carinho da humildade.

Nesta festa tão singela Rodeado de tanto irmão Nunca vi coisa mais bela Tanto amor e gratidão — Digo com emoção.

Quando eu um dia partir Levo um nó que não desato É com imenso orgulho que digo Que um dia fui gaiato.

Abílio Pequeno

MIRANDA DO CORVO

ESCUTEIROS — Recebe-mos a visita de alguns escuteiros de Santa Clara — Coimbra. Pas-saram connosco o dia de sábado, dia 1 deste mês. Depois, foram acampar à Lousã, onde passa-ram a noite. No Domingo, depois de uma caminhada, parti-ciparam e alegraram a nossa liturgia. De seguida, tomaram o pequeno-almoço connosco. No final, seguiram para Santa Clara.

OFERTAS — A «Senhora do Pão», como é conhecida a Senhora Isabelinha que todas as semanas nos dá grandes quantidades de pão para os rapazes do Lar de Coimbra, é uma Senhora que, semanal-

mente, abdica do seu dinheiro para ajudar os Pobres de Pai Américo. Para além do pão também nos oferece a manteiga e o leite que bebemos.

A Senhora Prazeres, abdica do seu tempo para ajudar os nossos rapazes. Ela vem duas vezes por semana passar a nossa roupa. Nesta última se-mana esteve connosco quase todos os dias, cinco horas por dia e, no fim, levava roupa para coser e passar a ferro em casa.

Estas duas Senhoras são pes-soas que gostam de ajudar os filhos dos outros.

AJUDA — A Liga Portu-guesa Contra o Cancro, pediu que a nossa Casa ajudasse o peditório nacional a favor da Liga Portu-guesa, e nós aceitámos.

Nove dos nossos rapazes participaram no peditório espalhando-se por Coimbra em gru-pos de três.

O peditório nacional reali-zou-se nos dias 30, 31 de Outu-bro e 1, 2 de Novembro.

Devido às aulas dos dias 30 e 31 de Outubro, e por ser Domingo no dia 2 de Novem-bro, tive de ficar em Casa, pois recebemos visitas.

OBRAS — As do salão do Lar de Coimbra continuam a avançar rapidamente, já se pôs o tecto falso, fizeram-se ligações eléctricas, pôs-se azulejos na casa-de-banho, quase acabada, já se nivelou o chão, acertaram-se as bancadas, chapou-se as paredes, montou-se a lareira, construiu-se a arrecadação para a lenha e também a parede que vai dividir a garagem e o corre-dor que dá acesso ao salão.

Adriano

SETÚBAL

FEIRA DA LADRA — Os Lions de Setúbal organizaram mais uma, que foi a 19.ª edi-ção. Decorreu no Inatel. Um grupo de rapazes foi à feira, de onde trouxe bolos e coisas várias que nos deram.

Agradecemos aos Lions de Setúbal esta iniciativa, cuja receita é a favor da nossa Casa.

FUTEBOL — Uma equipa de gaiatos, até aos doze anos de idade, defrontou o Vitória de Setúbal num jogo de futebol de sete que decorreu no Estádio do Bonfim. Os rapazes gostaram muito de lá ir; o resul-tado fica em nosso segredo!

VIVEIRO — O Paulo trouxe uma água oferecida por uma colega de escola. A malta gostou dela, que é muito bonita. Representa, para a maioria dos rapazes, o seu clube preferido. Esperamos que ela se habitue a nós.

VACARIA — O nosso boi, o «Campeão», foi vendido. Era um belo animal, que impunha muito respeito e de que nós gostávamos. A substituí-lo, fi-cam o «Palhinhas» e o «Miranda», que ainda estão em fase de crescimento.

RAPAZES — O «Pipas», quando estava a tomar conta do grupo das limpezas, fez uma habilidade e partiu um pé. Foi directo para o Hospital do Outão onde foi operado e esteve durante alguns dias. Terá de ir, durante algum tempo, para a Escola com a perna engessada. Por vezes, as brinca-deiras dão mau resultado.

QUARTOS — Já estão prontos. Os rapazes que lá tinham estado antes das obras, já lá estão novamente. São pequenos, mas ficaram bonitos. Têm todos casa-de-banho privativa. À entrada, têm uma pequena sala de televisão. Ao todo, são oito quartos, em dois andares.

Pedro Gomes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Por vezes, a nossa equipa de futebol fica um pouco desfalcada por causa daqueles que, levanamente, resolvem ir dar uma volta, experimentando, de novo, a vida atribulada do antigamente. Pai Américo, escreveu que: «(...) Ontem, veio declarar que se queria ir embora. O vagabundo sem morada nem documentos que um dia apareceu na nossa Aldeia. Vestiu-se de lavado, pediu o seu dinheiro, despediu-se das senhoras e se-gue o seu destino. Eu estava ao pé da turma dos do campo, ocupados, na ocasião, com a sementeira das batatas. O des-consolado passa. O Bárto, vergado a pôr batatas na jeira, diz-lhe sem deixar o trabalho: — Anda meu burro que te hás-de arrepender! (...).»

Para muitos, o regresso é inevitável. Aconteceu com o vadio sem morada e sem documentos, e acontece, ainda hoje, com muitos outros.

Os Iniciados deslocaram-se a casa do F. C. Paivense. Onde, debaixo de chuva, com muito

Maternidade nas Casas do Gaiato

QUEM são as Senhoras numa Casa do Gaiato?

Qual é o seu lugar?

Dos rapazes não são colegas, nem irmãs, nem professoras, nem vigilantes, nem enfermeiras, nem assistentes, nem governantes, nem simplesmente amigas!

Que são, de verdade?

No coração de Pai Américo, embora ele nunca tenha definido nada a este respeito — as Senhoras são mães — «*Os abandonados, em Portugal, vivem em famílias e têm mãe!*» Eis a sua palavra.

E como se ama? Como se chega lá?

Os filhos sentem quem são as suas mães para si próprias.

As Senhoras, nas Casas do Gaiato, têm oportunidade de experimentar e viver a maternidade afectiva: — Há um, dois ou três rapazes de que elas se doem mais. Sofrem por eles, na sua carne, abarcam-nos completamente com a sua sensibilidade, sentem-nos verdadeiramente únicos! São os filhos delas!

É bom ter filhos. Os filhos transmitem maturidade aos pais. Nada na vida amadurece tanto como sofrer os filhos! São eles que as fazem mães.

— Ninguém é mãe de nome. Só é mãe aquela mulher que tem filhos.

— Então? — Graças a Deus!

A maternidade na Casa do Gaiato consiste em procurar, desejar ardente-

mente, buscar todos os dias, aproveitar todas as ocasiões. Pedir insistentemente ao Espírito do Pai que nos faça mães. Mães de todos como somos de alguns. Vivemos um sentimento global por cada um como vivemos pelos que são mais nossos.

A maternidade vive-se, sente-se e procura-se.

Deus vem pedir a Nossa Senhora que Ela aceite ser Mãe de Seu Filho e, sem a consultar, após a experiência dolorosa e feliz da maternidade, dá-A como Mãe a todos os homens: — «Mulher eis aí o Teu Filho. Eis os Teus filhos e filhas!»

Parece-nos que para esta maternidade universal e sem medida, o Filho devia ter consultado a Sua Mãe: — Aceitas-Me, Mãe, ser ainda Mãe dos Meus irmãos e irmãs?

Parece que não o fez. Naturalmente por entender que Ela estava preparada e disponível para amar cada um e cada uma de nós de todo o coração e com uma entrega maternal.

Também assim na Obra da Rua. Começamos por ser mães de alguns; aqueles que nos caem logo no coração.

É bom cultivarmos a sério, no segredo íntimo de cada um, no sofrimento e na alegria a maternidade pelos mais queridos, para, depois, a estendermos a todos e fazermos, assim, deste

caminho espiritual uma exigência contínua a nós próprios perante o Espírito de Deus que nos interpela. — Amo este como aquele? O que fiz a fulano, fá-lo-ia a sicrano? O que não fiz a este, também o não faria àquele? E... por aí adiante caminhando interiormente neste segredo.

É um caminho difícil! Muito difícil!... Só com o espírito do sobrenatural a dar continuamente capacidade humana lá chegaremos. Este é o caminho da santidade para uma mulher na Obra da Rua.

O resto é folclore!

É uma aventura divina cujas semelhanças encontramos na História da Fé; mas, é original e única!

É a Obra da Rua que, em nome de Deus, a põe nas vossas mãos!... E... no vosso coração... — Se a aceitardes!

É uma exigência dura, porque, às vezes, os rapazes fazem-nos tais que ficamos, por algum tempo, sem os podermos ver.

Rezar, sofrer, amar! Amar, mesmo a ralhar e a corrigir; mas, nunca deixar de lhes querer o melhor bem!

Sempre ouvimos dizer, quem ama, sofre! Não nos baldamos à Cruz!

A história da Obra já consagra algumas mulheres que alcançaram a sua maternidade a metas bastante heróicas.

Padre Acílio

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

serem aprovados e receberem os subsídios!... Creio que a «coisa» não andou e creio que ainda bem...

Os profetas têm o seu tempo. Agitam as águas. Criam novidade. Depois, os continuadores tentam salvaguardar essa novidade. Não tendo nem a ousadia nem o rasgo necessário para gritar a novidade que os profetas criaram no tempo. Sofrendo as arremetidas várias vão rezando em seus corações e acalentando o sonho de poderem continuar a ser o que são e não outra coisa.

Padre Manuel Cristóvão

Correspondência dos Leitores

«Para o «Famoso», bálsamo da alma, e umas «migas» para algo mais urgente.

Assinante 50629».

«Peço perdão do nosso atraso, as cabeças começam a falhar bastante, junto com bastantes afazeres para a nossa idade, doenças, etc.

trabalho e espírito de sacrifício conseguiram ganhar por 1-2, tendo sido autor dos «tentos» o Abílio.

Fomos, como sempre acontece, bem recebidos por toda a gente, no entanto, há sempre uma «ovelha ranhosa». No meio da assistência, estava um avô. O neto estava a jogar, tropeçou... e caiu. Logo: «Dá-lhe que ele é filho da rua». Fique a saber, meu senhor, que já fomos filhos da rua... hoje, somos filhos duma grande família, onde nada nos falta. Tantas vezes o resmungão do «Carlos Pote», caiu; o refilão do «Bolinhas»; o Ricardo Filipe que com o seu feitio menos bom (às vezes), mas sempre a rir e brincalhão, apalparam a terra do chão, assim

como o «Patrick», que anda a precisar de levar pipiri naquela boca, e nunca ninguém se levantou para dizer: *dá-lhe também, que ele não é nosso!*

Não. Apesar de sermos resmungões e refilões, sabemos ocupar o nosso lugar de bem-educados.

Os Seniores deslocaram-se a V. N. Gaia, para defrontarem a Associação Desportiva da Paradelá. Mais uma vez, não conseguiram ganhar. É pena, mas uma coisa é certa: não se consegue fazer omoleta sem ovos!... No entanto, estamos convencidos que melhores dias virão, e que as vitórias voltarão a ser o normal da equipa que todos nós aplaudimos!

Alberto («Resende»)

Gosto imenso de ler; mas, o tempo é pouco para isso. No entanto, o vosso Jornal, isso, sim! Vai até ao fim precisamente porque é pequenino e o seu conteúdo prende-nos de princípio a fim. Não compro uma única revista das tantas que nos tentam e de que até gosto, mas acho que realmente o dinheiro, que já não é muito, se deve empregar melhor.

Junto envio um cheque. Não sei se chega, mas se não chegar, por favor, digam. Gostaria de mandar muito mais, mas o meu marido já está reformado e eu nem reforma tenho; pois, às vezes, desmazelamo-nos e julgamos que a vida corre sempre da mesma maneira, mas as coisas mudam muito.

Continuação de boa sorte para o Jornal O GAIATO e não só, para toda a Obra do querido Pai Américo. Que ela resista sempre às invejas e às más línguas que procuram atingir; mas, que só conseguem indignar-nos e levantar mais a Obra. Desculpem o tempo que vos roubo, pois é muito precioso.

Assinante 2219».

«Ao recebermos os subsídios de férias e de Natal, é uma obrigação moral lembrarmos-nos dessa grande Obra, e doutras, que merecem também a nossa ajuda.

Por isso envio este cheque para o que mais necessário for.

Se Deus continuar a dar-me vida (tenho 86 anos) não me esquecerei dessas datas.

O GAIATO faz-nos ficar inquietos. Bem-haja.

Assinante 27060».

«Peço desculpa de só agora enviar pequena quantidade para O GAIATO, que leio com muito gosto e tiro dele boas lições, embora, por vezes, ocupada de tantas coisas, me esqueço dele.

Quero falar de um tema do senhor Padre Acílio, n'O GAIATO de 14/06/2003, sobre as senhoras que foram pedir uma contribuição monetária para velas da procissão a Nossa Senhora: Senhor Padre Acílio, não se arrependa nunca de dizer coisas dessas. É preciso que se pense mais nos Pobres do que em gastar tanto em festas. Jesus não nos diz no Evangelho que se fizermos muitas procissões, celebrações, etc. Mas, «tive fome e deste-Me de comer... tinha frio e deste-Me de vestir...»

Assinante 21171».

«Embora pareça estar esquecida... O GAIATO é como uma sirene a despertar as consciências mais adormecidas. Não vos deixo esquecer, meus queridos. Às vezes, porém, não somos tão prontos a responder... Peço orações para vos ajudar sempre, enquanto peregrinar por esta Terra.

Assinante 31211».

«Obrigado pelo vosso O GAIATO, pois, infelizmente, ainda é dos poucos títulos que me acordam a consciência adormecida e instalada no descontentamento de viver neste mundo violento, injusto e desamado. Desculpem tanta palavra para tão pouca partilha. Deus vos mantenha e ajude.

Assinante 16024».

DOCTRINA

Lume novo



HÁ pouco mais de um ano que um grupo de três ex-distintos alunos da rua acenderam lume novo na chama da Casa do Gaiato de Coimbra e vieram de lá, com ele em brasa, fundar a Casa do Gaiato do Porto. Pois um desses mesmo que não veio e mais dois dos que ao depois vieram, levaram hoje lume de cá e foram acender com ele a sucursal do Porto. Lume novo. Palavra nova. Transfiguração do «Lixo das Ruas»!

É possível, até, que pela força desta luz haja quem a não possa encarar, cerrando os olhos como outrora fizeram os Discípulos do Mestre. É possível. Quisera eu que ao abri-los em franco despertar, não vissem neste Tabor senão somente Jesus, tal qual os Apóstolos! Sim, digo bem, transfiguração. Só a Caridade é capaz de realizar este prodígio — a verdadeira, tal como se encontra em gema no seio do próprio Deus. Aquela mesma que não sofre nem admite caricaturas, tal como se encontra nas festas do suposto bem-fazer.

SENHOR, eu acredito no Amor porque creio na Justiça, na Vossa Justiça imanente. É impossível que este «Lixo» social não se levante contra a própria sociedade que o produz!

O número da nossa Casa — do Lar do Gaiato do Porto — é o 682 da Rua D. João IV. Tem carro à porta e fica a dez minutos da Baixa. Um armazém onde fomos comprar cem metros de pano para lençóis, ao saber do que se tratava, disse logo: — Leve lá isso!

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Praticando o Bem

Continuação da página 1

tinuamente pelo Espírito de Deus, numa conquista contínua, persistente e esperançosa.

Os Rapazes que nos caem nas mãos em pequeninos, facilmente se abrem à ternura maternal, mas os que chegam grandes e cresceram na aridez do carinho e do afecto, e levaram todos os pontapés da desumanidade moderna; esses, por vezes, exigem das Senhoras capacidades de martírio para uma maternidade heróica que lhes comunique algum equilíbrio natural.

Esta aptidão só a possui quem permitir ser trespassada pelo Espírito e Humanidade de Jesus que veio para dar a vida pelos homens!... Heroicamente!...

Com intenção lhes levei o exemplo de Beata Teresa de Calcutá.

Instalada numa congregação, dando aulas a meninas ricas, sem que nada lhe faltasse, sente o aguilhão das multidões famintas, doentes e moribundas, à sua volta.

Põe em causa a finalidade da sua entrega. Consulta a Igreja. Decide-se.

Deixa o seu colégio, rebenta com a instalação, põe fora o hábito, veste-se como uma pobre e pobremente vai viver para o meio dos Pobres!

Levada pela Humanidade do Divino! E, n'Ele apoiada!

As Senhoras da Obra não precisam de abandonar a congregação que a não têm. Despir o hábito que nunca envergaram. Já vivem no meio dos Pobres. Forçoso é assumir este carisma extraordinário que lhes é dado e de que os Rapazes de hoje, cada vez mais, necessitam.

A Casa do Gaiato sem coração de mãe, é como uma casa sem luz!

Padre Acílio

Benguela

Continuação da página 1

largo. Como eles, confiando sempre na presença dos pais que não perdem nunca de vista os filhos, na aventura do primeiro voo, assim nos despedimos dos que ficavam. Retemperámos as forças com um dia de Retiro no meio do silêncio, apenas quebrado pelo marulhar das ondas que reventavam contra os rochedos da praia, lá em baixo.

A sós com Deus, longe do barulho do mundo, cada um de nós se deixou encher, bem até cima, da Graça, força dos fracos.

O caminho a percorrer era longo. E não podíamos correr o risco de chegar ao fim da viagem vazios; nós que viemos para dar, encher e receber também. Estávamos confiantes. Estávamos felizes. Sentíamos ainda o efeito do calor humano da hora da despedida da casa paterna. Quanto bem nos fizeram as palavras ouvidas na última ceia em comum, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa! Aquela hora grande foi um testemunho vivo de que os laços que nos uniam e unem são laços de família.

Uma preocupação nos dominava, então: merecer a confiança em nós depositada. Os Amigos verdadeiros, parte integrante da família da Obra da

Rua, acompanharam-nos com a mesma solicitude até ao dia de hoje.

Estes foram os nossos sentimentos de há quarenta anos, expressos n'O GAIATO... E agora? Queremos ser capazes de admirar as grandes coisas que Deus fez, ao longo dos anos de vida da Obra da Rua, em Angola. Queremos ser

capazes de reconhecer também as falhas de que nós somos os autores. É Obra de Deus feita com instrumentos humanos. A confiança da primeira hora está presente, de mãos dadas com a felicidade das pessoas a quem servimos. Em primeiro lugar estão os filhos que encontraram seu lar na Casa do Gaiato. Ao mesmo tempo, abrimos os braços para acolher os que querem caminhar, mas não podem sozinhos.

Padre Manuel António



Em primeiro lugar estão os filhos que encontraram seu lar na Casa do Gaiato.

SETÚBAL

Dores

ESTANDO as coisas importantes da vida invisíveis aos nossos olhos e, muitas vezes também, distantes da nossa compreensão, assim o factor dinamizador da vida dos Rapazes, por vezes, nm enigma.

Embora eles não tenham consciência daquilo que os anima e lhes dá razões para crescer, essa fonte de energia existe e está sediada na família com quem vivem.

A criança e o jovem não encontram as suas energias vitais nas palavras, conselhos ou orientações de alguém que, sabendo muito, não seja um pai ou uma mãe, mesmo que não progenitores. A criança e o jovem só caminham para o bem, para o seu crescimento, quando embalados pela

proximidade de alguém que lhes dá segurança interior. Esse alguém, poderá dar-lhes todas as condições materiais; mas, se lhe faltar com a sua presença, em nada contribuirá para o seu crescimento.

Para todas as fases de maior fragilidade da vida, na infância bem como na velhice, o adulto, no pleno uso das suas faculdades, tem a missão insubstituível de ser o amparo dos mais frágeis.

Hoje, ninguém quer ser amparo de quem quer que seja. Vemo-nos, por isso, numa sociedade desequilibrada, de abandonados, onde os que vivem as fases da fragilidade da vida andam desamparados, entregues, quanto muito, a quem os vai suportando por dinheiro — muito pouco por amor.

Posso concluir, salvo melhor opinião, que os adultos em estado de pleno uso das suas capacidades, não andam a cumprir a sua obrigação.

Se calhar, isto tem também algo a ver comigo. Bem recentemente tive um dos nossos que se meteu numa experiência temível a meus olhos. Este

temível é provável que venha ainda dos tempos da minha meninice, em que o *slogan* «droga, loucura, morte» ecoava aos meus ouvidos e me punha em sentido perante a grande ameaça que a droga trazia consigo. Eram três fases de um caminho sem saída, caminho aterrador.

De facto, este caminho é aterrador e pior ainda para quem se mete nele. Não será já um caminho sem saída, já que muitos dele têm saído, embora, certamente, não sem mazelas.

É pois um caminho que nunca deveria ser iniciado. Tornar-se um iniciado nele, multiplica as possibilidades de dar mais passos nesse percurso de sofrimento e de grandes angústias...

Oh Bom Pastor, que levas aos ombros as ovelhas doentes e feridas no peregrinar da vida, ajuda-nos a deixarmos os nossos interesses mesquinhos e a tornarmos-nos, à Tua maneira, o amparo daqueles que nos mandas conduzir a Ti!

Padre Júlio

O Henrique Luís e o Márcio Filipe

Continuação da página 1

batalha (que até meteu tele-visão!) por desestabilizá-los. Mas, não. Apesar das fracas condições de vida de que tinham vindo, sempre revelaram uma relação mais forte com o pai e afirmaram ao longo de cerca de dois anos, e até ao último momento, que não queriam ir com a mãe. Porém, de nada lhes valeu. A lei, que teoricamente visa «o superior interesse do menor», não considera a vontade deles, nem sequer escuta o seu testemunho, mesmo que o menor tenha treze anos e saiba o que quer, tanto ou mais que muitos mais velhos e, sobre-

tudo, tenha uma experiência de sofrimentos imerecidos, que lhe dá autoridade.

Segundo a lei, o menor é *coisa, coisa* a proteger, sim, mas, propriedade dos progenitores. E quando estes não constituem família, a lei, a partir de informações técnicas e de natureza predominantemente material, que fundamentam o «douto parecer do digno Magistrado», dá o poder paternal a quem lhe parece, ignorando alternativas, no equívoco em que farisaicamente lavra acerca do conceito autêntico de família.

A lei arroja-se o papel absoluto de defender o menor, sem admitir, ao menos,

a sua colaboração na própria defesa, mesmo quando tem alguma capacidade para tal.

Quantas tragédias não resultam de tantos «doutos pareceres» fundados no equívoco de que falo, como aquele caso de Ermesinde que, há pouco, fez estremecer o País?!

O Luís e o Márcio foram, tiveram que ir, por força da lei que se diz «pautada pelo superior interesse dos menores», sem apelo ao seu próprio parecer nem ao nosso, que os tivemos um pouco mais de três anos e não fomos ouvidos como parte vincionalmente comprometida no superior interesse deles; sim surpreendidos pela decisão judicial, como

se fôramos *coisa* que está aí para servir as conveniências segundo os critérios oficiais. Enorme a discrepância entre os Poderes e o Povo! Neste está a reserva de bom senso que vai preservando o mundo, tão falho dele, do desequilíbrio total. Porque é profunda, neste nosso tempo de ciências e técnicas brilhantes, a crise do senso comum!

O Luís e o Márcio foram. Hoje, em telefonema da Escola que irão frequentar, uma Professora perguntava-me o que acontecera e dizia-me a sua preocupação acerca dos pequenos, a viver no campo, longe da Escola, numa «família» em que só a mãe e duas irmãs são do seu

TRIBUNA DE COIMBRA

Festas de aniversário

QUASE todas as semanas há mais que uma festa de aniversário em nossa Casa. Ontem, 2 de Novembro, fizemos anos o Rúben e o André. Não parecem, mas são gémeos. Habitualmente, os padrinhos vêm-nos buscar para festejar e passar o dia com eles, se é sábado ou Domingo. É um dia diferente em que experimentam um pouco mais de atenção e carinho. Quando regressam, para além disso, trazem sempre uma prenda especial e útil: brinquedo adequado à própria idade ou uma peça de vestuário a seu gosto pessoal. Mas, um par de sapatilhas e, se for possível, de marca, faz sempre o gosto dos afilhados... São gestos quase insignificantes, para nós, mas muito importantes para eles. Quando há baptismos em nossa Casa, procuramos que os padrinhos sejam um casal idóneo; que tenha alguma ligação afectiva ao Rapaz ou que mostre vontade em colaborar com a Casa de família que somos para eles. Pedimos que aceitem ser testemunhas da fé, mas que aceitem também o afilhado como filho; que o «adoptem»; que emprestem a Deus um cantinho do seu coração para que Ele possa amar estes filhos.

As nossas festas de baptismos não são aquelas festas de sumptuosidade com que certa mentalidade mundana modela o seu viver, até nas coisas mais santas. Tudo se ostenta obnubilando o dom de Deus. Como gostamos de recordar certo casal que estando à beira de perder o seu bebé nas proximidades da festa do seu baptismo, possuído de angústia, nesse momento, pediu a intervenção divina. E, tendo sido escutado, depois de provados todos os possíveis dos homens, veio entregar o valor da boda à Casa do Gaiato. De certo não deixou de fazer festa, até pela saúde da criança, recuperada. Mas os motivos adquiriram significado mais profundo.

Dos momentos de maior intensidade na vida cristã que celebramos em nossa Casa, o baptismo de um Rapaz consideramo-lo o mais festivo e espiritual. Toca-nos de perto a paternidade de Deus, a Sua eleição por quem foi rejeitado, mal acolhido ou mal amado. Nesta linha o baptismo é uma verdadeira regeneração. Estes são filhos de Deus muito «especiais». O facto de chamarmos alguns cristãos conscientes a serem padrinhos fecunda esta partilha de fé e responsabilidade educativa. Pedimos aos padrinhos que o não sejam para acenderem uma vela, como tantos, levianamente. Apelamos e rezamos para que, no seu verdadeiro compromisso, vejam o invisível, a brandura que estas almas trazem escondida no seu coração, a sua sede de justiça e fome de serem acolhidos e amados. Como nos sentimos felizes também pela forma como os seus padrinhos procuram acolhê-los não só no dia do aniversário, mas pela vida fora.

Padre João

PENSAMENTO

Ajudar é a palavra mais sublime do vocabulário cristão.

PAI AMÉRICO

sangue e há um homem estranho e seus dois filhos, com quem eles nunca estiveram. Claro que o rendimento do agregado «ronda o valor aproximado de mil euros, apresentando as despesas habituais» — e isso tranquiliza os informadores que estão na base do «douto parecer!» Soube, ainda, pelo telefonema, que o pai já tinha ido à Escola dizer que «os não queria ali, mas, sim, aonde estavam». Só que depois da sentença, o pai não tem poder paternal! Mas na Escola a opinião que lavra é

a dele, não por ele, mas pelo bem dos pequenos, de cujo risco se apercebe.

Eu respondi-lhe que o Luís e o Márcio conservam o seu lugar na Casa que foi a deles estes três anos e tem sido a de milhares ao longo de sessenta e quatro. Nem eles nos renegaram nem nós a eles. A lei que está, essa, sim, renega-nos a todos.

Bem era que os legisladores viessem ao terreno aprender o seu desajustamento da realidade e fizessem outra.

Padre Carlos